

O IMPACTO DA INTERNAÇÃO EM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NO COMPORTAMENTO DO FUMANTE DE TABACO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

PERONDI, Ana Magnes L.

Acadêmica da Faculdade de Ciências da Saúde - FASU, Garça, Brasil.
anamagnes@yahoo.com.br

COLOMBO, Maristela

Orientadora Profª Msª docente da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU, Garça, Brasil
maristelacolombo@hotmail.com

RONDINA, Regina de Cássia

Co-Orientadora Profª Drª docente da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU, Garça, Brasil
rcassiar@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo apresenta uma compilação da literatura sobre o papel ou impacto da internação em hospital psiquiátrico, no comportamento de fumar tabaco. A literatura revela alta prevalência de tabaco em pacientes internos, portadores de quadros com esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo, entre outros. São apresentadas hipóteses diversas sobre o papel ou dimensão de que se reveste o consumo de tabaco, para internos portadores de tabaco de diferentes quadros de transtornos mentais.

Palavras-chave: tabaco, prevalência, transtornos mentais.

ABSTRACT

The present article present a compilation of literature on the paper or impact of the internment in psychiatric hospital in the smoking behavior. Literature discloses high prevalence of tobacco in internal, carrying patients of pictures with schizophrenia, bipolar disorder, depression, anxiety, and obsessive-compulsive disorder, among others. Diverse hypotheses on the paper or dimension with that if it coats the tobacco consumption, for carrying tobacco interns are presented of different pictures of mental disorder.

Keywords: tobacco, prevalence, upheavals.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o tabagismo é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o maior agente causador de óbitos do planeta. "*Na atualidade, segundo dados do Banco Mundial, um em cada três adultos fuma, estimando-se que existem no planeta cerca de 1 bilhão, cento e cinqüenta milhões de fumantes, consumindo uma média de 14 cigarros por dia*" (CAVALCANTE, 2002, p.24-25). No Brasil, ainda há relativamente poucas pesquisas detalhadas sobre o assunto, mas segundo o Ministério da Saúde (1996; 2001), existem aproximadamente 30 milhões de fumantes no País. O tabagismo acarreta cerca de 80 a 120 mil óbitos por ano. A cada hora, registra-se a morte de 8 (oito) brasileiros, vítimas de doenças provocadas pelo uso do tabaco (Ministério da Saúde, 1997).

Nas últimas décadas, observou-se um interesse crescente pelo estudo da comorbidade entre tabagismo e transtornos psiquiátricos. Estudiosos apresentam hipóteses de natureza diversa sobre o assunto. Estudos diversos apresentam forte relação entre transtornos psiquiátricos, como depressão, transtornos de ansiedade, esquizofrenia, entre outros, e o tabagismo, é possível afirmar que hipóteses de natureza diversa, sobre os fatores subjacentes à associação entre tabagismo e doenças mentais, já contam com forte respaldo na literatura (BRESLAU et al. 1994, apud RONDINA et. al 2004; WINDLE & WINDLE, 2001, apud RONDINA et. al, 2004).

No entanto, vêm surgindo diferentes interpretações em torno do assunto. Em especial, ainda há escassez de estudos enfocando o papel da internação em hospital psiquiátrico sobre o comportamento de fumar tabaco. Este artigo apresenta uma breve compilação da literatura, destacando perspectivas recentes em torno do tema.

2. TABAGISMO E DOENÇAS MENTAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O IMPACTO DA INTERNAÇÃO

Inicialmente, será apresentada uma visão geral sobre alguns dos temas presentes na literatura contemporânea sobre o assunto, destacando algumas das principais hipóteses dos pesquisadores sobre a natureza da associação entre transtornos mentais e consumo / dependência, com base na compilação efetuada por RONDINA et al. (2004):

- **Tabagismo e Esquizofrenia:** A literatura demonstra forte comorbidade entre o consumo de tabaco e a esquizofrenia. Vários fatores poderiam explicar a incidência de tabagismo em pessoas com esse tipo de transtorno mental. Uma dessas explicações é que a nicotina tem uma propriedade ou habilidade em atenuar os efeitos colaterais de medicações, além de melhorar a concentração, reduzir a hiperestimulação vivenciada pelos esquizofrênicos, entre outros.
- **Tabagismo e Ansiedade:** Em pessoas que apresentam esse transtorno há indícios de que a nicotina funcione como um ansiolítico. Postula-se, por exemplo, que com o consumo da nicotina essas pessoas diminuam o uso de medicação específica. Porém, o cômputo geral da literatura permite supor que a natureza da comorbidade entre tabagismo/ansiedade varia, segundo o diagnóstico do distúrbio de ansiedade.
- **Tabagismo e Transtorno Obsessivo-Compulsivo:** A literatura denota uma relação inversa entre consumo de tabaco e TOC. Há várias hipóteses explicativas sobre o assunto. Postula-se, por exemplo, que isto se deva a fatores de natureza genética e neurobiológica.

- Tabagismo e Depressão: Devido à acentuada comorbidade entre tabagismo e quadros depressivos, vários estudiosos vêm estudando e tentando explicar o assunto nas últimas décadas. Há diferentes hipóteses. Windle & Windle (2001), por exemplo, consideram quatro hipóteses sobre a natureza dessa associação. A primeira é que o tabagismo auxilia na “automedicação”; a segunda sugere que o uso da nicotina interfere nos sistemas neuroquímicos, prejudicando os circuitos neurais do cérebro; a terceira é de que o tabagismo e a depressão podem se influenciar reciprocamente e a quarta e última, sugere que mais do que uma relação causal entre o tabagismo e a depressão, existe uma variável genética em comum.

Especialistas no assunto afirmam que variáveis de natureza genética e neurobiológica podem predispor o indivíduo ao tabagismo e a quadros psicopatológicos diversos, ao mesmo tempo (RONDINA et. al, 2003; RONDINA et al. 2004). Algumas pesquisas sugerem que a iniciação ao tabagismo é influenciada por fatores de cunho sócio/ambiental. Por outro lado, autores afirmam que a manutenção do hábito é influenciada primariamente por fatores de personalidade (BRESLAU et al. 1994, apud RONDINA et. al 2004). Outras hipóteses, como a “automedicação” de afetos negativos, fatores de natureza genética, a interferência da nicotina nos sistemas neuroquímicos, estão bem estabelecidos na literatura contemporânea (HERRÁN et al., 2000; LAWN et al., 2002).

Contudo, alguns autores alertam para o fato de que a maioria dos estudos foram efetuados com base em pesquisas com desenho epidemiológico e apresentam, principalmente, levantamentos de cunho estatístico/quantitativo (RONDINA et al., 2003; RONDINA et al., 2004). Por outro lado, recentemente, estudos de natureza qualitativa vêm apontando questionamentos, nesse sentido. O trabalho de Lawn et al. (2002), por exemplo, revelou que o tabagismo se reveste de uma dimensão existencial, para muitos pacientes hospitalizados. Segundo os autores, em alguns casos, o consumo de tabaco constitui-se em um recurso utilizado pelo paciente, no enfrentamento do cotidiano. Na maioria das vezes, o tabagismo se deve, principalmente, aos sentimentos de desamparo do paciente por ser portador de uma doença mental, desesperança quanto às chances de recuperação e à necessidade de controle; além disso, para alguns, o

tabagismo alivia os efeitos do estigma da internação. O estudo revelou, ainda, que alguns pacientes relatam que o cigarro é utilizado como mecanismo de barganha pela equipe técnica do hospital. O cigarro é fornecido como um prêmio ao bom comportamento do paciente (LAWN et al., 2002).

Essas considerações levam a questionamentos acerca do impacto da internação psiquiátrica, no processo de iniciação do consumo e/ou dependência. É possível supor, por exemplo, que a internação favoreça (de alguma forma) a adoção do hábito, ou acentue o consumo, em pacientes fumantes. O estudo de Lawn et al. (2002), revelou ainda que pacientes fumantes com esquizofrenia, transtorno bipolar e transtornos de personalidade apresentam semelhanças, quanto às principais barreiras enfrentadas, ao tentar abandonar o tabagismo. Por exemplo, pessoas que apresentam quadros de esquizofrenia relataram que o cigarro lhes dá uma sensação de liberdade, além de aliviar os sintomas da doença mental. Os pacientes esquizofrênicos, também, descreveram que o cigarro era tido com uma ferramenta para ajuda-los a tomar decisões, para automedicar-se, adquirirem maiores motivações para realizarem novas tarefas, entre outras questões do cotidiano.

Em pacientes bipolares, segundo a percepção dos internos, o uso da nicotina atua como um regulador de humor, ajuda na concentração. Segundo os autores, alguns internos bipolares relataram que se não tivessem adquirido o transtorno mental, eles não teriam iniciado o consumo (LAWN et al., 2002).

Essa pesquisa revelou, ainda, outros aspectos relacionados ao tabagismo em internos. O estudo sugere que o tabaco se reveste de uma dimensão existencial para muitos pacientes; nesses casos, o cigarro é sentido quase como um “amigo”. Finalmente, para essas pessoas, o ato de fumar é visto com uma tentativa de se diferenciar dos familiares, de criar uma própria identidade e, com isso, muitas vezes, o tabagismo acaba se relacionando até à sua própria identidade (LAWN et al., 2002).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura sugere que o tabaco tem uma função importante na vida dos pacientes hospitalizados, pois, segundo a percepção dos internos, é através do uso da nicotina que se sentem mais 'fortes' para lidar com o estigma da internação, com os efeitos colaterais provocados pelos remédios, enfim, para lidarem com a própria doença mental. Diante disso, é possível levantar hipóteses ou questionamentos a respeito do processo de internação, no comportamento de fumar tabaco, entre pessoas portadoras de transtornos mentais. A internação pode levar a substituição do consumo de outros tipos de drogas por tabaco? Ou mesmo, é possível que o ambiente interno da instituição psiquiátrica favoreça ou facilite, de alguma forma, o consumo da nicotina? Qual a influência que as outras internas fumantes têm sobre as não fumantes?

São questões como essas que precisam ser pesquisadas, pois há uma relativa escassez sobre esse assunto, em específico, até o presente momento. Cumpre ressaltar que, em especial, ainda são raros os estudos nesse sentido, envolvendo populações brasileiras ou sul-americanas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRESLAU, N.; KILBEY, M.M.; ANDRESKI, P.MA. Nicotine Dependence in Young Adults (1994): Prevalence, correlates and associated psychiatric disorders. In: RONDINA, R.C.; GORAYEB, R.; BOTELHO, C. **A dinâmica psicológica do tabagismo**. Cuiabá: Entrelinhas, 2004, 96p.

CAVALCANTE, J. **O impacto mundial do tabagismo**. Fortaleza: Realce, 2002, 151 p.

HERRÁN, A.; SANTIAGO, A.; SANDOYA, M. et al. Determinants of smoking behavior in outpatients with schizophrenia. **Schizop Res**, 41, 373-81, 2000.

Instituto Nacional do Câncer. Coordenação Nacional do Controle do Tabagismo e Prevenção Primária do Câncer. Abordagem e tratamento do fumante-Consenso 2001. Rio de Janeiro, 2001.

LAWN, S.J.; POLS, R.G.; BARBER, J.G. Smoking and quitting: a qualitative study with a community-living psychiatric clients. **Soc Sci Med**, 54 (1), 93-104, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Instituto Nacional do Câncer. Coordenação Nacional do Controle do Tabagismo e Prevenção Primária do Câncer. Falando sobre tabagismo. 2 ed. Rio de Janeiro, 1996.

WINDLE, M.; WINDLE, R.C. Depressive symptoms and cigarette smoking among middle adolescents (2001). In: RONDINA, R.C.; GORAYEB, R.; BOTELHO, C. **A dinâmica psicológica do tabagismo**. Cuiabá: Entrelinhas, 2004, 96p.